

## **FOTOGRAFIA DE CASAMENTOS LGBTQI+: um grito um de resistência e existência<sup>1</sup>**

Agda Patrícia Pontes Aquino<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
Universidade Federal da Paraíba

### **RESUMO**

Este texto ilustrado trata-se de uma espécie de artigo fotográfico argumentativo, que traz imagens de casamento de casais LGBTQI+ realizadas por mim através de uma campanha nacional coletiva que incentivou pessoas de diversas áreas a colaborarem com a união de pessoas do mesmo sexo. Esse mutirão de serviços foi impulsionado após a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da república, motivado pelo medo que essas pessoas tiveram de ter seus direitos ao matrimônio retrocedidos. No que se refere ao repertório visual, o vocabulário recorrido para os registros dessas cerimônias se mostrou similar aqueles já consagrados para os casais heterossexuais em seus casamentos, mostrando que os casais homoafetivos querem, também, ter direito às mesmas experiências sociais, coletivas e imagéticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Casamento; LGBTQI+; Resistência.

### **INTRODUÇÃO**

Se compreendida enquanto testemunho, a imagem fotográfica está indissociavelmente ligada ao lugar e ao momento do clique. Porém seu poder comunicativo vai além dessa relação factual, está diretamente ligado às funções que ela exerce e ao contexto em que ela é usada, ou seja, para além do momento do clique que congela o tempo e emoldura os fatos banhados pela luz, a fotografia também tem seus significados e seus impactos sociais gerados pelos usos que fazemos delas.

A comunidade LGBTQI+<sup>3</sup>, no mundo, e mais tardiamente no Brasil, tem ganhado força de representação e de luta pelas suas causas, em especial com o advento das redes sociais na Internet, que possibilitam uma visibilidade maior do grupo, de suas ações e campanhas, bem como do seu modo de vida. Antes relegados a viverem algumas de suas experiências em guetos, bares e locais obscuros longe dos olhos da

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT “Fotografia documental, memória e fotojornalismo”

<sup>2</sup> Professora de fotografia do curso de Jornalismo da UEPB e do curso de Cinema e Audiovisual da UFPB. Jornalista, Mestre em Estudos da Mídia e doutoranda em Educação. Email: profagdaaquino@gmail.com

<sup>3</sup> A sigla LGBTQI+ significa: Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais.

“família tradicional”, hoje, boa parte dessas pessoas expõe seu dia-a-dia para o público, provocando um efeito que pode ser compreendido como o de provar e publicizar a sua existência, uma espécie de grito de reconhecimento.

Em 2014, o Brasil passou a aceitar a união matrimonial civil de pessoas do mesmo sexo, se juntando aos países mais desenvolvidos do mundo nessa luta pelos direitos dos casais homoafetivos. Com a oficialização da união, além de ter acesso aos mesmos direitos que os outros casais brasileiros, as pessoas LGBTQI+ ganharam mais força e visibilidade para mostrar que existem, vivem, amam e têm o direito de ter uma vida plena e ocupar os espaços públicos como quaisquer outros cidadãos. Nunca antes se viu tantas fotos de pessoas do mesmo sexo sendo felizes, andando de mãos dadas, ocupando os espaços de poder, de lazer e não tendo mais que se esconder por serem quem são. Apesar disso, a homofobia ainda é um mal estrutural na sociedade brasileira. O Brasil é uma das nações que mais mata homossexuais no mundo<sup>4</sup>, o que faz com que essa população viva com medo, mas não mais reclusa, pelo menos em parte.

Esse grupo de pessoas, em especial, se viu ameaçado e com grande risco de ter seus direitos (como o do casamento) retrocedidos após a eleição presidencial de 2018, quando Jair Messias Bolsonaro venceu para o cargo mais importante do país. Com falas homofóbicas<sup>5</sup>, divulgação de notícias falsas envolvendo a homossexualidade<sup>6</sup> e aliado a grupos que são contra os direitos civis plenos e iguais aos cidadãos LGBTQI+, eles vêm vivendo o medo real de não conseguirem mais se casar com as pessoas que queriam. Então, no final de 2018, uma campanha nacional para ajudar os casais homoafetivos a realizarem seus casamentos impulsionou um aumento de 25% nas uniões de pessoas do mesmo sexo em todo o país<sup>7</sup>. É parte dessa experiência que trazemos aqui, como fotógrafa e defensora dos Direitos Humanos e das causas LGBTQI+, este artigo pode ser compreendido como um relato reflexivo e argumentativo sobre o registro fotográfico

---

<sup>4</sup> Sobre esse assunto: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>

<sup>5</sup> Um dos exemplos da postura homofóbica do então candidato a presidência da República: <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>

<sup>6</sup> Um dos argumentos mais citados pelo então candidato Jair Bolsonaro durante a campanha para a presidência da República era a mentira criada em torno de um fictício kit gay que seria distribuído nas escolas para doutrinação de crianças. Leia mais sobre isso aqui: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>

<sup>7</sup> Para mais informações sobre esse tema: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/07/casamento-lgbt-cresce-25-no-pais-diz-associacao-profissionais-oferecem-servicos-gratuitos-para-celebracoes.ghtml>

de casamentos de pessoas do mesmo sexo no período pós-eleição de Bolsonaro, um grito um de resistência e existência.

## FOTOGRAFIA DE CASAMENTO

Por suas limitações técnicas, as primeiras décadas das imagens fotográficas são marcadas pelo registro de naturezas mortas, paisagens e ambientes com pouco ou nenhum movimento. Por isso, a inserção da figura humana nas fotos começa a aparecer em poses e registros estáticos. É o nascimento do retrato, gênero fotográfico que traz na sua principal característica a captura imagética das figuras humanas. Nesse contexto, as câmeras fotográficas melhoram sua técnica e seu porte e passam a entrar também nos ambientes familiares e a registrar os casais, com as famosas fotos posadas, dando origem ao código visual e postural do que depois viriam a ser as fotografias de casamento.

Demoraria um pouco para que o acontecimento do casamento passasse também a ser alvo dos disparos fotográficos. Acompanhar as cerimônias de casamento exigia um esforço físico e material, além de um investimento em equipamentos que permitissem uma mobilidade dos fotógrafos. Durante a maior parte do século XX, as fotografias de casamento eram pautadas pela lógica da fotografia analógica: cliques limitados e pensados, fotos posadas, em momentos-chave da cerimônia e com as pessoas importantes. Com o advento da fotografia digital, as possibilidades imagéticas envolvendo o evento “casamento” se multiplicaram. Hoje, além das tradicionais fotos de família, vinculadas ao vocabulário imagético secular, ao retrato e a foto posada, elementos do fotojornalismo, da fotografia artística e dos conceitos de direção de arte também ganharam espaço nessas coberturas fotográficas. Além da cerimônia, muitas vezes registrada com mais de um fotógrafo, existem os ensaios prévios intitulados de “*pré-wedding*”, ensaios depois do matrimônio, conhecidos por “*trash the dress*”, ou ainda aqueles feitos na lua de mel do casal. Mas esse repertório imagético é bem mais acessível aos casais heterossexuais e com poder aquisitivo para isso. O advento do casamento entre pessoas do mesmo sexo é recente no Brasil e esses indivíduos têm o direito de abraçar, também, o mesmo repertório visual e ser representado com os mesmos códigos, se assim desejarem.

## CÓDIGOS VISUAIS CLÁSSICOS PARA PERSONAGENS MARGINAIS

A Paris dos anos 1930 vivia um movimento artístico e vanguardista que possibilitava noites efervescentes entre aqueles que fugiam dos moldes da sociedade. Um dos fotógrafos que ficou fascinado por esse momento foi Brassai, que registrou o submundo da Cidade Luz nesse período. Um lugar especial que ele gostava de fotografar no período se chamava Le Monocle: um bar de lésbicas bem popular para a época. Suas imagens desse período e dessas mulheres parecem reforçar os papéis tradicionais dos sexos. “Brassai fotografava as pessoas à margem da sociedade, como homossexuais e travestis. Ele sentia que essa faceta de Paris era a essência da verdadeira natureza da cidade e queria provar que aí também havia beleza a ser encontrada” (HACKING, 2012, p. 231). Embora suas fotografias tragam uma expressão de espontaneidade, o fotógrafo assumiu que as imagens eram posadas e que ele dirigia as pessoas de acordo com suas intenções de composição, trazendo, certamente, consigo, seus ideais masculinos e suas ideias sobre como esses casais de mulheres deveriam se portar nas fotos e se apresentar nas imagens.



Figura 1 - Casais lésbicos no Bar Le Monocle em Paris – 1932. Fotos: Brassai

Quem também se debruçou a fotografar o cotidiano daqueles considerados marginais, estranhos ou fora do padrão foi a fotógrafa norte-americana Diane Arbus. Principalmente no período de 1940 a 1960, ela mergulhou no submundo de cidades como Nova Iorque, de bares, instâncias e residências de pessoas destoantes daquelas que o modelo tradicional da sociedade mantinha. Dentre esses grupos, encontram-se os homossexuais e travestis em geral, socialmente condenados a uma vida noturna e obscura nos porões dos bares temáticos. Porém, diferente das fotos de Brassai, que impunha seu olhar social masculino aos fotografados, interferindo em poses e posturas, Arbus deixava as pessoas a vontade, clicava na naturalidade dos seus atos, mesmo

quando, recorrendo aos conceitos clássicos da fotografia do gênero retrato, os fazia olhar para a câmera. Seu olhar feminino irônico recorria aos códigos visuais clássicos do gênero retrato, como a frontalidade, a centralidade, a solenidade e a ideia do documentarismo, porém os seus temas, ou assuntos fotográficos, estavam muito distantes daqueles consagrados. Como explica Emy Kuramoto, na sua dissertação de mestrado que trata da representação imagética de Arbus:

O encontro entre forma e conteúdo em Arbus é um tanto excêntrico, não se modula à tradição. Veremos que esse desajuste desvela uma visão profundamente perspicaz, que ironicamente ajusta e encaixa personagens, paisagens e elementos de cena num projeto fotográfico sólido. Solidez essa que se dissimula na aparente precariedade técnica (a luz estourada, a falta de foco, a granulação da imagem) e no falso desleixo da apresentação (a dispensa do marginador, vazamento de luz no filme). (KURAMOTO, 2006, p. 1).



Figura 2 - Fotografias de casais lésbicos feitas por Diane Arbus. A esquerda: *Two friends at home*, N.Y.C, 1965; a direita, *Two friends in the park*, N.Y.C, 1965.

## CASAMENTO COLETIVO LGBT

Com a garantia legal de poder ter direito ao casamento civil como oferecido aos outros casais brasileiros, os casais homoafetivos passaram a oficializar a união<sup>8</sup>. Para a comunidade LGBTQI+, a conquista histórica foi muito celebrada por garantir a plenitude de vida social para esses cidadãos que tinham até então esse direito negado. No final de 2018, com a eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro, um crítico público aos direitos e a própria cidadania dessas pessoas, muitos viram suas conquistas ameaçadas. A internet, então, foi palco de uma campanha nacional com o objetivo de ajudar os casais homoafetivos que desejassem realizar o casamento, através do oferecimento gratuito de serviços, uma espécie de “força tarefa” conjunta entre

<sup>8</sup><https://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515>

comunidade LGBTQI+ e simpatizantes da causa. Impulsionada por *hashtags*<sup>9</sup> como #lgbtquercasar #casamentolgbt, a campanha virou uma espécie de mutirão social de oferecimento de serviços gratuitos como *buffet*, decoração, roupas, maquiagem, comida, convites e fotografias, entre outros. No Instagram<sup>10</sup>, o mutirão foi organizado numa conta intitulada @lgbtquercasar, que divulgava perfis de quem precisava dos serviços (os noivos) e de quem os oferecia, promovendo o encontro entre essas pessoas e possibilitando a troca de contatos e a realização das ações.

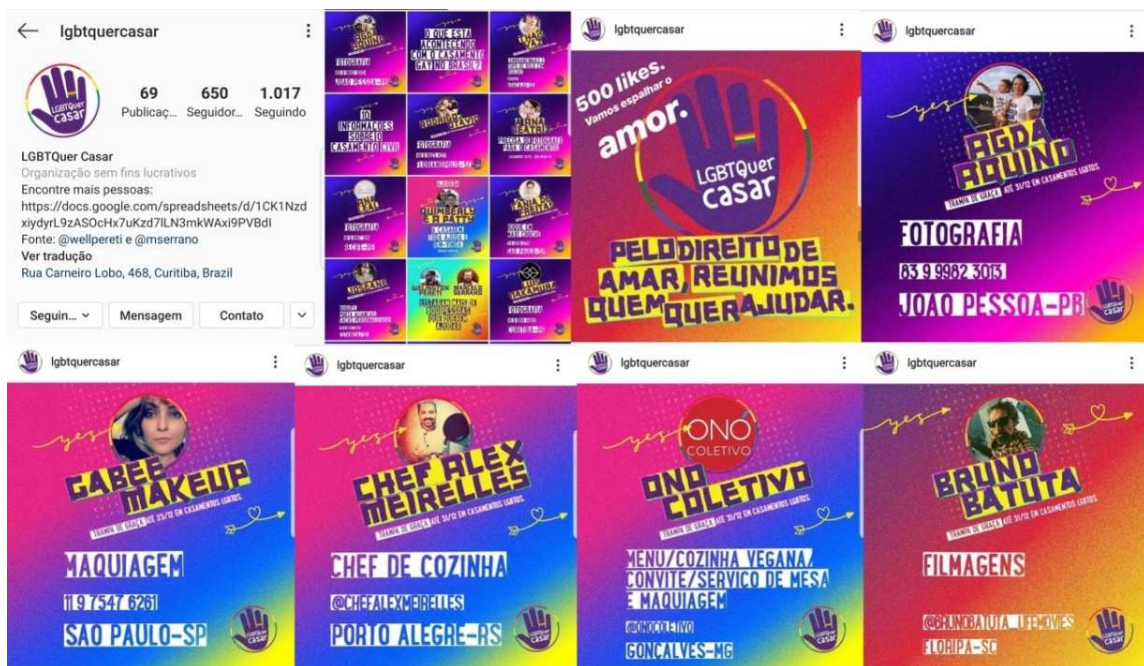


Figura 3 - Prints do perfil e de algumas postagens da conta @lgbtquercasar. Fonte: Instagram. Disponível no link: <https://instagram.com/lgbtquercasar?igshid=p3m5gsiul6yk>

Eu ofereci meus serviços como fotógrafa e registrei a cerimônia de união de três casais de homens que entraram em contato comigo. Todos eles realizaram seus casamentos em cerimônias coletivas convencionais, juntamente com diversos outros casais, LGBTQI+ ou não. A partir dessas experiências, eu percebi que os códigos visuais, as poses, os enquadramentos, as luzes, o conteúdo fotografado em si, desejado pelos nubentes era exatamente o mesmo dos outros noivos, o que eles queriam também era o direito de compartilhar uma experiência socialmente comum de forma completa,

<sup>9</sup> *Hashtag* é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste de uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, conhecido popularmente no Brasil por “jogo da velha” ou “quadrado”.

<sup>10</sup> <https://www.instagram.com/lgbtquercasar>

com os mesmo referenciais imagéticos. O casal unido e apaixonado, o beijo, as alianças, as mãos dadas e os parentes compartilhando desse momento são registros que fazem parte dessas narrativas de casamento.



**Figura 4 – Casamento Rodrigo e Esly. Fotos: Agda Aquino**



**Figura 5 - Casamento de Evandro e Veiber. Fotos: Agda Aquino**



**Figura 6 - Casamento Eduardo e Julio. Fotos Agda Aquino**

Ainda em dezembro de 2018 fui contactada pelos membros do Movimento do Espírito Lilás (MEL), uma organização não-governamental, que em parceria com o Ministério Público da Paraíba, estava organizando um casamento coletivo LGBTQI+ em João Pessoa, articulando diversos profissionais do mercado de realização de casamentos para oferecer uma cerimônia ampla, completa e gratuita para aqueles casais

homoafetivos que desejassem efetivar a união<sup>11</sup>. Assumi, então, a missão de colaborar com a equipe de fotografia, convidando, inclusive, outros profissionais. Ao todo fomos onze fotógrafos registrando os 33 casais. A divisão dos casais ficou a cargo da organização geral do evento, que direcionou cada fotógrafo para três casais principalmente, onde todos poderiam fotografar também o evento em geral ou outros casais. Ao final do evento, cada fotógrafo compartilhou as imagens com os noivos fotografados bem como com a organização do evento.



**Figura 7 - Casamento coletivo LGBTQI+ realizado no Teatro Paulo Ponte, no Espaço Cultural, em João Pessoa, no dia 24 de janeiro de 2019. Fotos: Agda Aquino**



**Figura 8 - Registros do casamento de Eunice e Emília. Fotos: Agda Aquino**



**Figura 9 - Casamento de Lene e Luana. Fotos Agda Aquino**

<sup>11</sup> Informações sobre a cerimônia podem ser obtidas aqui:  
<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/01/24/mais-de-30-casais-lgbt-oficializam-uniao-em-casamento-coletivo-em-joao-pessoa.ghtml>





**Figura 10 - Casamento de Nathalia e Renata. Fotos Agda Aquino**

Experienciar o fazer fotográfico enquanto um ato de resistência foi algo novo na minha trajetória como fotógrafa e professora de fotografia. Ao mesmo tempo em que me conecto com todos os outros momentos históricos em que registrar grupos marginalizados e ameaçados socialmente aconteceram, transformar esses cliques do amor em fotografias e torna-las públicas se tornou atitude de postura política, de engajamento, de resistência e de sobrevivência. Mesmo não sendo uma pessoa LGBTQI+, ou seja, não vivendo suas lutas na pele e nem sendo uma fala representativa desse grupo imenso, complexo, diversificado e essencial para nossa convivência social plena e saudável, posso fazer parte da luta que intenta ajudar o mundo e se tornar um lugar melhor, mesmo que para isso a minha arma seja o disparo da câmera.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Do trabalho coletivo gratuito e da narrativa imagética, restam, além de imagens fortes, a certeza de que existe muita gente sensibilizada com as causas LGBTQI+. Dentro desse grupo, multifacetado e com muitas pautas importantes, é importante perceber que a invisibilidade feminina dentro de uma sociedade machista reflete também em uma invisibilidade dentro da própria causa LGBTQI+. As questões da visibilidade lésbica aparecem em menor grau - imagética e midiaticamente falando. A fotografia pode cumprir um papel importante nesse sentido, o de abraçar essas causas, fazendo o que o fotógrafo britânico John Tompsom pontuou ainda em 1875: “nessa era da educação, a câmera deve ter o poder de educar”. (HACKING, 2012, p. 153).

## **REFERÊNCIAS**

HACKING, Juliet (Org). **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

---

KURAMOTO, Emy. **A representação disruptiva de Diane Arbus**: do documental ao alegórico. Campinas, SP: 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Disponível no link: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284730/1/Kuramoto\\_Emy\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284730/1/Kuramoto_Emy_M.pdf)